

Educação física: da ciência à docência
Physical education: from science to teaching
Educación física: de la ciencia a la enseñanza

Recebido: 28/08/2020 | Revisado: 18/07/2020 | Aceito: 03/08/2020 | Publicado: 11/08/2020

Carlos Alexandre Holanda Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2347-3380>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: profalexandreholanda@gmail.com

Maria Socorro Lucena Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6600-1194>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: socorro_lucena@uol.com.br

Jarles Lopes de Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0942-6764>

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

E-mail: jarlelope@gmail.com

Francisco de Assis Francelino Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8078-2609>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: francelino02@terra.com.br

Regiane Rodrigues Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2445-6972>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: regianearaujo@hotmail.com

Augusto César Holanda Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8235-4237>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: profaugustoholanda@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem o intuito apresentar uma discussão em torno da história da educação física, destacando-a como área do conhecimento e espaço de formação docente. Observamos

como essa ciência, em sua prática acadêmica, passou por um processo de fragmentação e especialização, indo além das técnicas pedagógicas esportivas, alcançando os conhecimentos científicos sobre os movimentos do corpo humano. As discussões abordam os significados atribuídos à disciplina como ciência que envolve corpo e movimento. Em paralelo a essa questão, está a educação física escolar, que nem sempre toca em tais aspectos, resumindo-se, muitas vezes, a jogos e brincadeiras que afastam os alunos de tal componente curricular. Nesse cruzamento contraditório, o professor tem dificuldade de se situar como profissional do seu campo de conhecimento e sua função social. Trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, de natureza qualitativa. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como recurso metodológico com o objetivo de conhecer a história da educação física, a construção genealógica dos saberes acerca do corpo e a prática integrada dos recursos organicistas e humanistas. Os resultados apontam para a necessidade de compreender a prática pedagógica do professor de educação física como resultado de um processo dinâmico e multifacetado, construído no decorrer do seu percurso formativo e de suas interações sociais, o qual vai constituir suas concepções teórico-didático-pedagógicas, o que exige, por conseguinte, uma reflexão crítica.

Palavras-chave: Educação física; História da educação física; Formação docente; Ensino.

Abstract

This article aims to present a discussion around the history of physical education, highlighting it as an area of knowledge and space for teacher training. We observed how this science, in its academic practice, went through a process of fragmentation and specialization, going beyond sports pedagogical techniques, reaching scientific knowledge about the movements of the human body. The discussions address the meanings attributed to the discipline as a science that involves body and movement. Parallel to this issue is school physical education, which does not always touch on such aspects, often summing up to games and games that keep students away from such a curricular component. In this contradictory intersection, the teacher finds it difficult to situate himself as a professional in his field of knowledge and his social function. It is a theoretical-bibliographic study, of a qualitative nature. Bibliographic research was used as a methodological resource in order to learn about the history of physical education, the genealogical construction of knowledge about the body and the integrated practice of organic and humanistic resources. The results point to the need to understand the physical education teacher's pedagogical practice as a result of a dynamic and multifaceted process, built during his formative path and his social interactions, which will constitute his theoretical-didactic-pedagogical conceptions, which therefore requires critical reflection.

Keywords: Physical education; History of physical education; Teacher training; Teaching.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar una discusión sobre la historia de la educación física, destacándola como un área de conocimiento y un espacio para la formación del profesorado. Observamos cómo esta ciencia, en su práctica académica, pasó por un proceso de fragmentación y especialización, yendo más allá de las técnicas pedagógicas deportivas, llegando al conocimiento científico sobre los movimientos del cuerpo humano. Las discusiones abordan los significados atribuidos a la disciplina como ciencia que involucra el cuerpo y el movimiento. Paralelo a este tema está la educación física escolar, que no siempre toca estos aspectos, a menudo resumiendo los juegos y juegos que mantienen a los estudiantes alejados de ese componente curricular. En esta intersección contradictoria, al profesor le resulta difícil situarse como profesional en su campo de conocimiento y su función social. Es un estudio teórico-bibliográfico, de naturaleza cualitativa. La investigación bibliográfica se utilizó como recurso metodológico para aprender sobre la historia de la educación física, la construcción genealógica del conocimiento sobre el cuerpo y la práctica integrada de los recursos orgánicos y humanísticos. Los resultados apuntan a la necesidad de comprender la práctica pedagógica del profesor de educación física como resultado de un proceso dinámico y multifacético, construido durante su camino formativo y sus interacciones sociales, que constituirán sus concepciones teórico-didáctico-pedagógicas, que por lo tanto requiere una reflexión crítica.

Palabras clave: Educación física; Historia de la educación física; Formación del profesorado; Enseñanza.

1. Introdução

O presente artigo tem o intuito de analisar a educação física como área do conhecimento e espaço de formação docente. Para tanto, optamos pela trilha histórica, observando como essa ciência, em sua prática acadêmica, passou por um processo de fragmentação e especialização, traços característicos modernidade, indo além das técnicas pedagógicas esportivas, alcançando os conhecimentos científicos sobre os movimentos do corpo humano.

Assim, as discussões abordam a identificação dos significados atribuídos à cultura corporal na história da educação física, como ciência que envolve corpo e movimento. Em paralelo a essa questão, está a educação física escolar, que nem sempre toca em tais aspectos,

resumindo-se, muitas vezes, a jogos e brincadeiras que afastam os alunos de tal componente curricular.

Nesse cruzamento contraditório, o professor de educação física tem dificuldade de se situar como profissional do seu campo de conhecimento e sua função social. Para tanto, torna-se fundamental um processo constante de formação continuada, levando em consideração o contexto histórico-social atual e o uso didático-pedagógico das tecnologias, com o intuito de apresentar outros olhares em torno da educação física dentro e fora da escola.

Professores, pesquisadores e demais profissionais da educação física precisam estar atentos às mudanças que vêm ocorrendo em torno da educação e, em particular, da educação física. Assim, concordamos com Silva, Sousa e Medeiros (2019, p. 3) o sistema educacional brasileiro, devido a constantes mudanças tecnológicas, “[...] vem passando por intensas transformações em todos os setores, inclusive no campo da educação, o que fez com que o país buscasse adaptação frente às exigências mundiais, no intuito de proporcionar um ensino de qualidade para a população”.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, de natureza qualitativa. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como recurso metodológico com o objetivo de conhecer a história da educação física, a construção genealógica dos saberes acerca do corpo e a prática integrada dos recursos organicistas e humanistas. Conforme Pereira *et al.* (2018), a pesquisa bibliográfica é importante por que nos possibilita o aprofundamento sobre um determinado tema de estudo.

A pesquisa bibliográfica se encontra presente em qualquer estudo científico por permitir a elaboração da fundamentação teórica, para justificar os limites da investigação ou para os próprios resultados. Esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador a oportunidade de estabelecer contato com o que foi publicado ou registrado sobre a temática de investigação. Utilizamos como fonte e base de dados para fundamentar a discussão aqui apresentada autores como: Almeida e Gutierrez (2008), Bagnara, Lara e Calonego (2010), Caetano (2010), Daolio (1995), Oliveira (2004), Soares (2012), Lima e Gomes (2002), Rangel (2005), Nunes (2004), Pimenta e Anastasiou (2002), Silva (2011), dentro outros.

A partir da leitura desses autores foi possível criar um panorama teórico em torno da educação física, destacando os seus aspectos didático-pedagógicos acerca da formação docente, o que só possível a partir de uma abordagem transdisciplinar, não limitando o debate ao campo da educação física, mas considerando aspectos históricos e culturais.

Dessa forma, optamos, também, pela abordagem transdisciplinar, uma vez que, conforme Medeiros e Jucá (2019, p. 66), trata-se de uma discussão que envolve diferentes “[...]especialistas em prol da compreensão e da resolução dos problemas humanos, reconhecendo os limites de cada campo epistemológico e buscando não rompimentos, e sim aproximações e alianças com outras áreas do saber, abrindo espaços para novas perspectivas”.

3. Uma Abordagem Histórico-Conceitual da Educação Física

A percepção do movimento era um dos pré-requisitos para que o *homem da caverna* tivesse condição de sobreviver, pois o ato físico fazia parte do seu cotidiano, não só para busca de alimentos e caça, como também para a sua defesa pessoal. Consequentemente, por questões de sobrevivência, ele dependia de sua habilidade de marchar, trepar, correr, saltar, lançar, atacar e defender, levantar e transportar, movimentos esses desenvolvidos pelos homens pré-históricos. A partir desses elementos, podemos perceber que a construção do estudo da matéria educação física remonta à pré-história.

Outro aspecto que merece destaque reside na grande preocupação com o porte físico, presente desde a pré-história, que se estende à contemporaneidade. Tal inquietação é diferente dos dias atuais, uma vez que não estava diretamente ligada a padrões de beleza e sim com intuito de proteção. Nesse sentido, Bagnara, Lara e Calonego (2010, p. 1) afirmam que a atividade física na pré-história:

[...] era restrita a defender-se e atacar. A luta pela sobrevivência levou a movimentos naturais. Para desenvolver estudos sobre a época, os pesquisadores se baseavam em todos os tipos de objetos, como pedras trabalhadas ou rudimentares, fósseis de animais e de humanos, pinturas rupestres, monumentos e, um pouco mais tarde, objetos e monumentos de bronze e ferro, câmaras mortuárias, estradas, dentre outros.

Destarte, o que concernia à educação física se delimitava, naquela época, à defesa e ao ataque, traduzidos como gestos naturais para a sobrevivência do homem, ou seja, era algo do seu cotidiano.

Ao realizar uma breve retrospectiva pela história da educação física, percebemos que existem diversas abordagens acerca de sua origem, com focos, interesses e utilização diferentes, que mudam de acordo com os países.

A China, por exemplo, foi um dos países a sistematizar os gestos humanos. De acordo com Oliveira (2004), os chineses racionalizaram o movimento humano com intuito terapêutico,

no qual criaram o método kong-fou (a arte do homem), trabalhado através de gestos respiratórios para curar enfermidades do corpo e servir à alma.

Para Bagnara, Lara e Calonego (2010), na Índia, a educação física foi difundida através do método de ginástica denominado de yoga, que consiste em exercícios ginásticos, acompanhados de massagens e de gestos respiratórios. Vale destacar que a yoga era tida como uma doutrina a ser seguida, pois buscava a purificação do corpo. “No Japão, a Educação Física possuía fundamentos médicos, higiênicos, filosóficos, morais, religiosos e guerreiros. Os samurais são um exemplo de guerreiros feudais originados da prática da Educação Física no Japão” (Bagnara, Lara & Calonego, 2010, p.1).

Oliveira (2004) preconiza que, no Egito, a história da educação física foi extraída através de registros nos murais e nos templos, que retratavam cenas militares, com diversas situações de lutas e de corpos fortes e esculpidos, que permitiram aos historiadores concluir que a educação física trouxe uma formação voltada para os combates, uma vez que preparava os cidadãos para a guerra.

A Grécia foi considerada pelos estudiosos como o país que mais colaborou para a história dessa ciência, pois foi onde surgiu a visão de integração de corpo e mente, de modo distinto do que ocorria com os demais países, que possuíam uma perspectiva voltada somente para o corpo. Desse modo, Bagnara, Lara e Calonego (2010, p. 1) apontam que:

Foi na Grécia que surgiram os grandes pensadores, que contribuíram com vários conceitos, até hoje aceitos pela Educação Física e pela pedagogia. Grandes artistas, pensadores e filósofos como Mirón, Sócrates, Hipócrates, Platão e Aristóteles criaram conceitos como o de equilíbrio entre corpo e espírito ou mente, citados por Platão. Também nasceram na Grécia os termos halteres, atleta, ginástica, pentatlo, entre outros.

No Brasil, as primeiras notícias da educação física surgiram por volta do ano de 1500, e sua história se divide em quatro momentos: período colonial, imperial, república e contemporâneo. No período de 1500 a 1822, os índios dançavam através do som de uma gaita tocada por um português. Gutierrez (*apud* Soares, 2012, p. 1) contextualiza a atividade física realizada pelos indígenas no período colonial da seguinte forma:

[...] atividades físicas realizadas pelos indígenas no período do Brasil colônia estavam relacionadas a aspectos da cultura primitiva. Tendo como características elementos de cunho natural (como brincadeiras, caça, pesca, nado e locomoção), utilitário (como o aprimoramento das atividades de caça, agrícolas, etc.), guerreiras (proteção de suas terras); recreativo e religioso (como as danças, agradecimentos aos deuses, festas, encenações, etc.).

Soares (2012) nos mostra que no Império essa ciência no Brasil começou a se desenvolver culturalmente e tinha o intuito de melhorar a saúde e higiene da população através de doutrinas naturalistas, nacionalistas e militaristas. Esse período também é marcado pelo surgimento dos primeiros tratados da educação física.

Ainda Gutierrez (1972 *apud* Soares, 2012, p. 1) aponta o primeiro tratado elaborado por Joaquim Antônio Serpa, em 1923, intitulado “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito, considerando que os exercícios físicos deveriam ser divididos em duas categorias: 1) os que exercitavam o corpo e 2) os que exercitavam a memória.

O período Brasil República, considerando o recorte histórico compreendido entre os anos de 1890 e 1946, foi dividido em duas etapas: a primeira, de 1890 até 1930, marcada pela posse do presidente Getúlio Vargas; e a segunda, que aconteceu após a revolução de 1930 se estendendo até 1946.

Soares (2012, p. 1) mostra que na primeira fase todos os estados começaram a realizar suas reformas educacionais, incluindo a ginástica nas escolas. À vista disso, foram criadas escolas de educação física com o intuito de formação militar. A segunda fase foi marcada pela criação do Ministério da Educação e Saúde. Assim, a educação física passou a ser usada como instrumento de interesses políticos pelos governantes. Vale ressaltar que essa orientação era voltada para pretensões higienistas e militaristas da época.

Na fase denominada Brasil contemporâneo, de 1946 a 1980, que compreende o período pós-Segunda Guerra Mundial e o início da Ditadura Militar, registramos a ocorrência de um rápido crescimento no âmbito educacional, em que o governo realizou um projeto que utilizava as escolas públicas e privadas como fonte do regime militar (Darido & Rangel, 2005).

Soares (2012) aponta como uma das medidas que mais impactaram essa disciplina, nesse recorte histórico, foi a obrigatoriedade da educação física/esportes no ensino do 3º Grau, por meio do decreto lei n.º 705/69. O autor justifica seu ponto de vista quando cita Castellani Filho para mencionar a intenção política do decreto, que consistia em beneficiar o regime militar, visando à desestabilização do movimento estudantil, uma vez que a universidade era uma instituição que demonstrava forte resistência a esse regime.

A educação física que temos na atualidade vem se delineando a partir da década de 1980, sendo marcada por uma grande crise de identidade, decorrente de mudanças políticas e educacionais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

[...] a Educação Física escolar, que estava voltada principalmente para a escolaridade de quinta a oitava séries do primeiro grau, passou a priorizar o segmento de primeira a quarta e também a pré-escola. O enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando da escola a função de promover os esportes de alto rendimento (Brasil, 1997, p. 21).

Observamos que, a partir desse momento, a disciplina começou a ter um enfoque voltado para outros aspectos do movimento humano. Com o olhar mais pedagógico, o foco passou a ser o desenvolvimento do gesto, com um leque de finalidades e, ao contrário do que era explorado anteriormente, o movimento para um determinado desporto.

A partir dos anos 1990, essa ciência começou a ser mais aceita pela sociedade, e o esporte passou a ser visto como meio de melhoria na saúde. Para Soares *et al.* (*apud* Nunes 2004, p. 1), a mesma passou a ter como objeto de estudo a cultura corporal ao apontar que “[...] formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismos, mímica e outros [...]”.

Vale ressaltar que, nos anos 1990, a profissão passou a ser reconhecida. De acordo com Almeida e Gutierrez (2008), em 1998, logo após os confrontos políticos, foi criado o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), através da Lei n.º 9.696/98 (Brasil, 1998). Esse conselho era uma entidade civil, sem fins lucrativos, com a sede residindo no estado do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício legal da profissão. Destaca-se, entre uma de suas ações, a designação do profissional de educação física como o único habilitado para atuar nessa área, tendo como pré-requisito estar regularmente registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF).

Depois da citada regulamentação, e com o passar dos anos 1990, a educação física cresceu e passou a ganhar espaço. A sociedade deixou de lado a impressão de que a disciplina só servia para executar gestos sem nenhum propósito, e passou a enxergar que existia uma articulação entre corpo e mente, que poderia ser trabalhada através da educação, proporcionando às crianças possibilidades formativas.

Nos dias atuais, por conta globalização, e no contexto da sociedade contemporânea, registramos a exigência colocada pelo mercado de que o professor dessa disciplina esteja preparado para trabalhar com o corpo na perspectiva de adequá-lo aos padrões exigidos sociedade.

Para Caetano (2010, p. 1):

A Educação Física aparece hoje com uma proliferação e diversificação de sentidos e práticas corporais, relacionados ao discurso da saúde, e mesmo que venha em conjunto

com o esporte, esse pacote é fortemente orientado para o mercado. O corpo que na modernidade sólida era visto como um corpo produtivo passa nesta transição para a modernidade líquida ao corpo consumidor, flexível e passível a mudanças descartáveis propostas pelos sistemas peritos.

Vale ressaltar que existe uma parcela da sociedade que tem outra óptica da educação física, uma vez que espera obter com o exercício físico a promoção da saúde, com intuito de prevenções de doenças como diabetes, hipertensão, obesidade, entre outras que começam a aparecer com mais frequência na vida das pessoas, por conta da vida desregrada que levamos. Em consonância com Ilha, Costa e Tortola (2020, p. 7), é importante ressaltarmos, também, que a atividade física “[...] exerce funções de governamentalidade dos corpos, atuando de forma individual e social, ensinando, por meio de uma pedagogização dos corpos, uma nova maneira de praticar e de assistir esportes”.

4. Estudos e Pesquisas na Área

A cultura corporal é um novo campo de investigação da área da educação física, que vem sendo pesquisada por vários professores e pesquisadores, com intuito de entender melhor as questões aliadas ao corpo e contribuir para o processo de formação do professor nessa área.

Desse modo, um dos grandes pesquisadores da área que é referência neste artigo, professor Marcos Neira, formado em educação física e pedagogia, e atualmente professor da Universidade de São Paulo (USP), na qual investiga a cultura corporal. Neira tem quatro livros publicados, intitulados: “Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas¹”; “Cultura Corporal: diálogos entre Educação Física e Lazer²”; “Educação Física, Currículo e Cultura³”; e “Práticas Corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas⁴”. Como organizador, tem mais quatro livros: “Educação e diversidade cultural no Brasil: ensaios e práticas⁵”; “Educação

¹ Neira, M. G.; Nunes, M. L. F. (2006). *Pedagogia da Cultura Corporal: Crítica e Alternativa*. São Paulo: Phorte.

² Uvinha, R. R.; Neira, M. G. (2009). *Cultura corporal: diálogos entre Educação Física e Lazer*. Petrópolis, RJ: Vozes.

³ Neira, M. G.; Nunes, M. L. F. (2009). *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte.

⁴ Neira, M. G. (2014). *Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas*. São Paulo: Melhoramentos.

⁵ Ghanem, E.; Neira, M. G. (orgs.). (2014). *Educação e diversidade cultural no Brasil: ensaios e práticas*. Araraquara: Junqueira&Marin.

Física e culturas: ensaios sobre a prática⁶”; “Educação Física cultural: escritas sobre a prática⁷”; “Educação Física Cultural: por uma pedagogia da (s) diferença (s)⁸”.

Visto que Marcos Neira é um grande pesquisador da cultura corporal, vale ressaltar que o seu campo de pesquisa é voltado para a área da educação física escolar. Conforme Neira (2006), a relação entre a cultura e a educação oportuniza a atuação significativa e responsável diante da sociedade contemporânea, uma vez que a escola é uma instituição social na qual existem ligações socioculturais que geram as desigualdades.

Destarte, esse estudioso tem o intuito de mostrar a importância da cultura corporal, trazendo novas propostas e possibilidades de ensino e aprendizagem para a área escolar, com uma prática inovadora, pensando nos professores e alunos, levando em conta o contexto social, uma vez que a escola vem sofrendo com as mudanças da sociedade globalizada, na qual surge um novo contexto escolar.

Outro grande pesquisador da cultura corporal é o professor Mario Luiz Ferrari Nunes, formado em educação física e professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde participa de vários grupos de pesquisa que estudam o corpo. Possui algumas publicações com o professor Marcos Neira, como destaque são os dois livros denominados: “Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas⁹” e “Educação Física, Currículo e Cultura¹⁰”.

Desse mesmo modo, outro autor que ficou consagrado como grande pesquisador da cultura corporal foi Jocimar Daolio, professor de educação física e psicólogo, no momento atuando como professor titular da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Tem experiência na área, atuando, principalmente, nos seguintes temas: cultura e corpo. As principais obras com a referida temática são os quatro livros de sua autoria: “Da cultura do

⁶ Neira, M. G.; Lima, M. E.; Nunes, M. K. F. (orgs.). (2012). *Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática*. São Paulo: FEUSP.

⁷ Neira, M. G.; Nunes, M. L. F. (orgs.). (2014). *Educação Física cultural: escritas sobre a prática*. São Paulo: CRV.

⁸ Neira, M. G.; Nunes, M. L. F. (orgs.). (2016). *Educação Física cultural: por uma pedagogia da (s) diferença(s)*. Curitiba: CRV.

⁹ Neira, M. G. Nunes, M. L. F. (2006). *Pedagogia da Cultura Corporal: Crítica e Alternativa*. São Paulo: Phorte.

¹⁰ Neira, M. G.; Nunes, M. L. F. (2009). *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte.

corpo¹¹”; “Cultura: Educação física e futebol¹²”; “Educação física e o conceito de cultura¹³”; “Futebol, cultura e sociedade¹⁴”.

Vale ressaltar que Daolio (1995) direciona a sua área de pesquisa para o contexto social, e afirma que: “Não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural” (p. 25). As abordagens do autor sempre levam em conta o contexto que os sujeitos estão inseridos para, em seguida, fazer suas reflexões em relação ao corpo e à cultura.

Diante do exposto, vimos que, apesar de ser uma temática relativamente nova na área da educação física, já existem vários autores que possuem muitas publicações e orientações em vieses diferentes da cultura corporal. Isso possibilitou que pudéssemos nos debruçar em seus acervos para conhecermos melhor o assunto, que traz um leque de novos conhecimentos para a área.

5. Formação do Docente em Educação Física

A formação do professor de educação física vem passando por uma série de mudanças e evoluções, desde o surgimento da profissão, por conta dos avanços da sociedade contemporânea e da globalização. Charlot (2013, p. 46) contribui para a discussão, ao definir globalização nos seguintes termos: “[...] é a crescente integração das economias e das sociedades no mundo devido aos fluxos maiores de bens, de serviços, de capital, de tecnologia e de ideias”.

Entretanto, por conta dessas mudanças, vivemos numa época em que se espera dos educadores, de forma geral, respostas, e do professor da disciplina em questão, em específico, uma postura profissional que articule duas áreas do conhecimento: educação e saúde. Os alunos, os pais e a sociedade como um todo têm expectativas de mais competências e compromisso desse professor, no que se refere à capacidade de lidar com problemas da vida moderna e com as demandas oriundas do contexto sociocultural.

Desse modo, é de fundamental importância ressaltar que esse professor contemporâneo deve materializar a união entre a teoria e a prática, promovendo a práxis pedagógica. Pimenta

¹¹ Daolio, J. (2013). *Da cultura do corpo* – 17. ed. – Campinas, SP: Papirus.

¹² Daolio, J. (2014). *Cultura: educação física e futebol*. 4. ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp.

¹³ Daolio, J. (2004). *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas, Autores associados.

¹⁴ Daolio, J. (2004). *Futebol, cultura e sociedade* -. Campinas, SP: Autores Associados.

(2005) define o conceito de práxis fundamentada nas ideias de Adolfo Sánchez Vásquez, definindo-a como uma prática que se faz pela atividade humana de transformação da natureza e da sociedade, consolidando-se, assim, em uma práxis, em uma atitude humana diante do mundo, da sociedade e do próprio homem.

Nesse sentido, podemos entender a importância da práxis na formação do professor de educação física. Porém, a profissão traz fortes marcas do tecnicismo e do militarismo desde a década de 1970, expressas, ainda nos dias de hoje, pelo distanciamento entre a teoria e a prática nas aulas da disciplina.

Lima (2013), em seu artigo intitulado “Considerações sobre a formação do professor de educação física: desafios e perspectivas”, aponta que é perceptível esse distanciamento nessas aulas quando os alunos indagam o professor se aula é teórica ou prática, e que alguns docentes descaracterizam o seu papel quando a prática se restringe ao uso da bola como brincadeira dos discentes.

A partir do exposto, é possível visualizar que a formação desse professor carrega traços do tecnicismo. Assim, cabe-nos questionar a identidade desse profissional, visto que, em algumas situações ele deixa de assumir a função de professor e passar a ser um técnico. Pimenta e Anastasiou (2002, p. 77) afirmam que a identidade profissional se constrói:

[...] pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor.

Em consonância com o pensamento de Pimenta e Anastasiou, Hall (2006, p. 13) define identidade:

É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós completa, segura e coerente é uma fantasia.

A partir da contribuição dos autores supracitados percebemos que a identidade é constituída a partir dos traços históricos, das vivências de cada sujeito. No caso dos profissionais de educação física, identificamos a presença dos vestígios históricos do

tecnicismo no período de criação da profissão, que vai refletir na prática pedagógica desses profissionais, na concepção de educação, de sujeito epistêmico e de mundo dos professores.

Dessa forma, compreendemos que o processo formativo influencia na constituição da identidade profissional. Imbernón (2010, p.78) afirma que “[...] a formação pode ajudar a definir esse significado daquilo que se faz na prática em situações concretas e, para se alcançar novos saberes, também permite mudar a identidade e o eu de forma individual e coletiva”.

Por conseguinte, compreendemos como a formação influencia na construção da identidade dos docentes em educação física, a qual pode determinar se esse profissional realmente vai ser um professor ou um técnico, pois existe uma grande diferença entre as duas funções.

Essa reflexão que o autor faz, apontando que o técnico adentra os alunos, é algo comum no cotidiano da disciplina, visto que, na maioria das vezes, os professores passam uma atividade, da qual eles não sabem a real proposta, e procuram corrigir só gestos técnicos, deixando de lado sua função de professor, que perpassa as correções de gestos, e se preocupa nos aspetos cognitivos, sociais e morais dos alunos que estão formando. Destacamos que esse docente, ao invés de exercer a função de educador, na maioria das vezes se deixa levar pelo tecnicismo, virando um repetidor de informação.

Por consequência dessa perspectiva tecnicista, o curso de licenciatura plena em educação física foi dividido em bacharelado e licenciatura. O primeiro ficou direcionado para a área mais informal, voltado para a saúde, com a área de atuação em academias, clubes e com a ascensão da função de *personal trainer*, e o segundo ficou com a área educacional, voltada para escolas e faculdades. Para Silva (2011, p. 79), o bacharel em educação física:

[...] é um profissional alinhado com seu tempo e com a realidade da sociedade brasileira, consciente de sua responsabilidade para com a sociedade, com o conhecimento técnico-científico, ético, político, cultural de sua profissão e comprometido com as transformações estruturais necessárias a nossa realidade, que vai atuar buscando promover a saúde e a qualidade de vida da população.

Silva (2011, 78) aponta que o licenciado em educação física tem os mesmos direitos do bacharel, mas sua função é:

[...] de docência, supervisão, coordenação e orientação educacional, em unidades públicas e privadas de educação formal e não-formal, tematizando a Cultura Corporal de Movimento, ou seja, as diferentes manifestações e expressões culturais do movimento humano, dando ênfase à ampliação da formação cultural dos seus alunos na

educação em saúde, nas atividades físico-esportivas de lazer, na formação esportiva, entre outras, que se articulem com o cotidiano da escola, da cultura e da sociedade.

Ainda vale frisar que existe um equívoco em relação a essa divisão que foi realizada no referido curso, tanto pelo profissional, causando uma crise indenitária, como para a sociedade, que não enxerga essa distinção. A consequência é a difamação dessa disciplina como ciência e restrição da área de trabalho para o profissional, prejudicando os fatores socioeconômicos.

Acreditamos que a função de formador está presente tanto no bacharelado quanto na licenciatura, e que deveria, ainda, existir a licenciatura plena, uma vez que, esse profissional é professor tanto na escola, na universidade, na academia, no clube, ou seja, ele vai ser um formador independente do lugar que esteja inserido.

Nesse sentido, David (2009), afirma que os argumentos que foram usados para estabelecer essa divisão são que a licenciatura não privilegiava a pesquisa e não atendia às demandas da sociedade contemporânea. Sendo assim, surgiu a necessidade de criar este profissional que dá prioridade à pesquisa e se volta para as novas tendências sociais.

6. Considerações Finais

A prática pedagógica do professor de educação física é o resultado de um processo dinâmico e multifacetado, construído ao longo de sua história de vida, no decorrer do seu percurso formativo e de suas interações sociais, o qual vai constituir suas concepções teórico-didático-pedagógicas. Por essa razão, é preciso que os processos formativos dos professores sejam repensados, no sentido de lhes oferecer alternativas substanciais para superarem a repetição das práticas vivenciadas na sua trajetória estudantil e da empiria. Vale destacar que a avaliação corporal tem sido pensada para múltiplos usos, sendo fundamental a quem ensina e a quem aprende, servindo tanto para reforçar determinada situação, quanto para corrigir erros, falhas ou distorções.

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de refletir sobre a docência e a pesquisa no campo da educação física, bem como concentrar esforços em investir na formação em busca da superação do tecnicismo que permeia muitos dos processos formativos na área da educação física. Nessa direção, concordamos com Lima e Gomes (2002, p.164) quando afirmam que a “[...] reflexão pressupõe relações sociais, revela interesses sociais, culturais, políticos, não é um processo mecânico nem tampouco gerador de novas ideias. É antes uma prática, que deve expressar o nosso poder de reconstrução social”.

Quando as autoras ressaltam a questão do poder de reconstrução social do professor, apontam para a dimensão política da docência que tem o profissional do ensino como educador. Essa compreensão se propõe a romper com uma formação de professor que concentra sua prática docente no interior da sala de aula, relegando a cultura corporal, seus conteúdos e concepções a um segundo plano. Tal preocupação extrapola a compreensão do processo de construção de conhecimentos centrado na ação cognitiva e busca o caráter educativo de humanização do homem, enquanto sujeito que vive em comum união com os outros.

Por outro lado, é importante observar que a sociedade atual concebe o corpo na esteira mercadológica, tendo tipos de beleza como modelos a serem seguidos. No âmbito da cultura, o narcisismo, que se caracteriza como o culto à beleza e ao sucesso pessoal, idealizados como bens cada vez mais procurados a serem adquiridos por meio do consumo. Na perspectiva do mercado, os meios de comunicação propagam formas diversas de aquisição dos padrões de beleza, que englobam desde estratégias mais simples às mais demoradas, que são vendidas na perspectiva de educação em saúde; até intervenções mais rápidas e de alto custo, como cirurgias, alardeados como eficazes, sem contar as academias e clínicas especializadas.

Em paralelo a essa questão, está a educação física escolar, que nem sempre toca em tais aspectos, resumindo-se, muitas vezes, a jogos e brincadeiras que afastam os alunos de tal componente curricular. Nesse cruzamento contraditório, o professor de educação física tem dificuldade de se situar como profissional do seu campo de conhecimento e sua função social.

Este artigo apresentou uma discussão teórica acerca da história da educação física, destacando-a como área do conhecimento, bem como a importância da formação docente nesse campo do saber. Tratou-se, portanto, de um estudo inicial, em que apresentamos autores que discutem e pesquisam a temática. Dessa forma, este ensaio pode servir de base teórica para pesquisas futuras de outros estudiosos, subsidiando outras ópticas investigativas em torno da educação física. Assim, como todo conhecimento científico, pesquisa se encontra aberta a possíveis contestações teórico-metodológicas.

Referências

Almeida, M. A. B. & Gutierrez, G. L. (2008). A regulamentação da profissão de Educação Física no Brasil: aspectos legais. *Revista EF de Deportes*. Buenos Aires. 12(118), março. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd118/a-regulamentacao-da-pofissao-de-educacao-fisica-no-brasil-aspectos-legais.htm>

Bagnara, I. C., Lara, A. A. & Calonego, C. (2010). O processo histórico, social e político da evolução da Educação Física. *Revista EF de Deportes*. Buenos Aires. 15(145), junho. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd145/o-processo-historico-da-educacao-fisica.htm>

Brasil. (1998). *Lei nº 9696/98*. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília.

Brasil. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997.

Caetano, A. (2010). A Educação Física em tempos modernos... No derretimento dos “sólidos” e na era da “Fluidez”. *Revista EF de Deportes*. Buenos Aires. 14(141), fevereiro. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd141/a-educacao-fisica-em-tempos-modernos.htm>

Charlot, B. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2013.

Daolio, J. (2005). Os significados do corpo na cultura e suas implicações para a Educação Física. *Movimento*. 2(2). junho, 1995. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2184>

Darido, S. C., & Rangel, I. C. A. (2005). *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

David, N. A. N. (2009). A formação do profissional docente em educação física: dicotomias e rupturas no campo da formação e da prática. *Anais do VI Congresso Goiano de Ciências do Esporte*. Recuperado de <http://congressos.cbce.org.br/index.php/congoce/VICONGOCE/paper/viewPaper/1847>.

Ghanem, E. & Neira, M. G. (orgs.). (2014). *Educação e diversidade cultural no Brasil: ensaios e práticas*. Araraquara: Junqueira&Marin.

Hall, S.A. (2006). *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DPA.

Ilha, F. R. S., Costa, A. R., & Tortola, E. R. C. (2020). Currículo e Educação Física: algumas relações com/sobre o corpo. *Research, Society and Development*, 9(8), p. 1-15. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5826>

Imbernón, F. (2010). *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed.

Lima, J. F. A. (2013). Considerações sobre a formação do professor de Educação Física: desafios e perspectivas. *Revista EF Deportes*. Buenos Aires. 17(178). Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd178/a-formacao-do-professor-de-educacao-fisica.htm>

Lima, M. S. L. & Gomes, M. O. (2002). Redimensionando o Papel dos Profissionais da Educação: algumas considerações. In: Pimenta, S. G. & Ghedin, E. (Orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez.

Medeiros, J. L. & Jucá, G. N. M. (2019). Itinerários metodológicos de pesquisa: uma abordagem Transdisciplinar. *Plures Humanidades*. 20(1). Recuperado de <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/393/328>

Neira, M. G. (2006). excluídos como ponto de partida para a elaboração do currículo da educação física. *Educere Educere: Revista da Escola Superior de Educação de Castelo Branco*. 11(19), p. 161-177.

Oliveira, V. M. (2004). *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense.

Pereira, S. P., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria, RS: UFSM, NTE. Recuperado de https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1

Pimenta, S. G. (2005). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

Pimenta, S. G., & Anastasiou, L. G. C. (2002). *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez.

Silva, A. G. S., Sousa, F. J. F., & Medeiros, J. L. (2020). O ensino da matemática: aspectos históricos. *Research, Society and Development*, 9(8), p. 1-18. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5850>

Soares. C. L. *et al.* (1992). *Metodologia do Ensino da de Educação Física*. São Paulo: Cortez.

Soares, E. V. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. *Revista EF de Deportes*. Buenos Aires. 17(169), junho. Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Carlos Alexandre Holanda Pereira – 55%

Maria Socorro Lucena Lima – 20%

Jarles Lopes de Medeiros – 7%

Francisco de Assis Francelino Alves – 6%

Regiane Rodrigues Araújo – 6%

Augusto César Holanda Pereira – 6%